



A MORTE NO NEOLÍTICO NO NORTE-ALENTEJO – Portugal

Jorge de Oliveira

Clara Oliveira

(CHAIA - Universidade de Évora - Portugal)

Keywords: Neolithic, Megalithic, Burial Rituals, Alentejo, Portugal.

Abstract: In this paper we present the singular aspects of burial rituals identified in the most significant cultural and religious manifestations of the Neolithic in the Northern Alentejo, Portugal. In this region there is the largest concentration of megalithic witnesses from across Europe. We discuss in this communication features of burial rituals of farming communities with the pastoral communities, during the Neolithic.

Palavras-Chave: Neolítico, Megalitismo, Rituais Funerários, Alentejo, Portugal.

Resumo: Nesta comunicação apresentam-se os aspetos singulares dos rituais funerários identificados nas mais expressivas manifestações culturais e religiosas do Neolítico do Norte do Alentejo, em Portugal. Nesta região observa-se a maior concentração de testemunhos megalíticos de toda a Europa. Confrontam-se nesta comunicação as características dos rituais funerários das comunidades agrícolas com os das comunidades de pastores, durante o Neolítico.

Contextos e condicionalismo

O Alentejo norte engloba a totalidade do distrito de Portalegre. É limitado a Sul pelo distrito de Évora, a Leste pela Extremadura espanhola, a Oeste pelo distrito de Santarém e a norte pelo Rio Tejo. Assim, o distrito de Portalegre inscreve-se na região do Alentejo onde ocorre a maior concentração e diversidade de testemunhos megalíticos da Península Ibérica. O Megalitismo poderá assumir-se como a mais representativa e complexa manifestação cultural e religiosa do Neolítico na Europa Ocidental. De entre estas manifestações sobressaem os dólmenes, complexas estruturas funerárias, formados, maioritariamente por uma câmara, por um corredor de acesso e por uma



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

mamao, constituída por pedra e terra que cobria todo o monumento. Em Portugal os dólmenes são vulgarmente conhecidos por antas, termo que adotámos nesta comunicação. Especificamente, o Norte-alentejano é marcado orograficamente pela Serra de S. Mamede e neste território destacam-se, geologicamente, dois grandes espaços caracterizados, respetivamente, por granitos e xistos e onde se estruturam duas paisagens bem distintas. Durante o Neolítico as paisagens xistosas, constituídas, maioritariamente, por solos de classe E, foram especialmente ocupadas por comunidades com economias assentes na pastorícia, enquanto nos solos graníticos, de classe C e D, estabeleceram-se comunidades agrícolas. Estas duas estruturas sócio-económicas e paisagens geológicas distintas geraram arquiteturas e rituais funerárias diferentes cujos traços principais tentaremos aqui apresentar. Os resultados que aqui apresentamos resultam de escavações efetuadas em monumentos que todos eles apresentavam sinais claros de múltiplas violações e reutilizações. É neste ambiente de documentação parcelar e na maioria dos casos fora de contexto que se baseiam as nossas informações. A descrição dos rituais que a seguir se apresenta isolou-se em dois grandes grupos tipológicos baseados nas diferenças arquitetónicas e de material de construção existentes entre as duas manchas megalíticas identificadas na área em apreço. Esta separação entre monumentos de granito e monumentos de xisto parece não corresponder, necessariamente, a uma nítida diferença de atitude perante a morte, como mais à frente analisaremos.

Monumentos de xisto (comunidades de pastores)

Nos monumentos construídos por esteios de xisto, localizados na zona norte do distrito de Portalegre, poucos ou quase nenhuns elementos possuímos que nos esclareçam sobre o rito ou ritos que envolviam a tumulação. Para sermos ainda mais precisos não possuímos qualquer testemunho que nos permita afirmar, com segurança, se nestes monumentos foram depositados corpos ou apenas ossadas humanas. Na área da bacia do Sever e em monumentos deste tipo, nenhum resto ósseo foi identificado e a escassez de espólio somada aos revolvimentos detectados impossibilita compreender perfeitamente, através do seu posicionamento relativo, qualquer preferência na utilização do espaço tumular. A acidez dos solos e as destruições que ao longo dos milénios estes monumentos foram sofrendo contribuíram para a inexistência de qualquer resto ósseo. A identificação em dólmenes junto ao Rio Tejo de pequenas manchas de cinzas e reduzidos



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

fragmentos de carvões no interior das câmaras e em níveis compactados, poderão indiciar, à semelhança do que ocorre nos monumentos da zona dos granitos, a presença de depósitos de ossadas previamente preparadas no exterior. Esta preparação, com recurso à cremação parcial ou total dos corpos no exterior do monumento, parece estar bem testemunhada, quer nas bolsas de ossos detetadas na anta das Castelhanas, quer na da Bola da Cera, no concelho de Marvão, na da Horta, em Alter do Chão, ou em tantos outros monumentos de que há referência, já fora da área em apreço. As reduzidas dimensões da maior parte dos monumentos da zona dos xistos parece inviabilizar enterramentos coletivos, pelo menos em grande número, como há notícia de ocorrerem nos grandes monumentos construídos em granito. Na área da bacia do Sever, sobretudo no Termo Municipal de Cedillo, em território espanhol, onde se localizam os monumentos melhor conservados, é possível constatar que na maioria dos sepulcros dificilmente comportariam mais do que um a dois corpos. Estes espaços funerários, que na maioria dos casos não possuem um metro quadrado de área funcional, mas que, pela sua arquitetura, em tudo se assemelham às sepulturas colectivas de grandes dimensões, não parecem destinar-se a tumulações individuais. Se atendermos ao espólio recolhido nalgumas delas, verificamos que apesar de pobre em número e qualidade, é suficiente para o relacionarmos com espaços destinados a depósitos coletivos. Este número de peças, em antas de maiores dimensões, pode indiciar várias tumulações primárias, porém nestes pequenos espaços a existência de enterramentos coletivos primários parece ser muito duvidosa. Se, paralelamente a estas observações, atendermos ao número e estado de conservação dos espólios conhecidos, verificamos que eles são em reduzido número e que os materiais menos resistentes (cerâmicas e placas de xisto) rareiam e quando ocorrem apresentam-se genericamente muito fraturados. O estado de conservação do espólio destes monumentos assemelha-se, em muito, ao que acompanha os enterramentos secundários dos monumentos de granito dos concelhos de Marvão, Castelo de Vide, Nisa, Alter, Crato ou Avis, geralmente muito fraturados e com vestígios de terem sofrido altas temperaturas. Parece, assim, que os monumentos de menores dimensões, ainda que na ausência de informações mais concretas, destinar-se-iam a funcionar como ossários, provavelmente colectivos, aos quais se tinha acesso, não pelo corredor, que quando existe é apenas simbólico, mas pelas tampas que cobririam o espaço funerário. Os de maiores dimensões, poderiam ter funções algo distintas, talvez destinados a receber tumulações primárias de membros de alguma elite da comunidade. Os materiais provenientes de qualquer destas antas, ainda que reduzido em número,



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

apresenta um acabamento mais cuidado do que o recolhido noutros monumentos de menores dimensões da mesma região, podendo indiciar um prestígio acrescido nos que aí foram tumulados. Enquanto os esteios dos pequenos sepulcros pouco emergem da linha de terra, tendo o seu espaço funcional sido escavado no solo, o espaço funerário dos de maiores dimensões eleva-se acima desta linha, encontrando-se apenas os esteios fundados no solão de base. As mamoadas, ainda que hoje muito destruída, parecem ter sido obtidas por compactas carapaças de blocos de xisto imbricados que se desenvolveria por uma área circular cujo raio é ligeiramente superior ao comprimento do corredor, nos monumentos de menores dimensões os restos de mamoadas ainda presentes parecem testemunhar a existência de uma muito pequena colina tumular. Em qualquer dos casos a identificação do monumento na paisagem foi preocupação dos seus construtores. Para além de ocuparem sempre locais bem visíveis no espaço, procurando as linhas de fecho, as mamoadas foram revestidas por blocos de quartzo filoniano, alguns de grandes dimensões. O número destes blocos junto da maioria dos monumentos permite-nos pensar num revestimento completo de toda a mamoadas com pedra branca. Noutras sepulturas sempre implantadas em locais de grande visibilidade, as mamoadas, para além de comportarem lajes de xisto e blocos de quartzo, teriam sido decoradas com calhaus rolados de cor clara, maioritariamente de quartzito. Esta nítida eleição de locais altos para a construção dos sepulcros poderá não ser somente justificada na procura de locais estáveis, atendendo aos elevados declives que caracterizam esta região. Para além de claramente demarcarem um amplo território visual, elas ladeiam os caminhos tradicionais nesta região. Verifica-se, portanto, que os construtores dos túmulos da zona dos xistos procuraram implantá-los em locais dominantes na paisagem, enriquecendo a sua visibilidade com a utilização de blocos líticos claros. Nestes grupos que formam prováveis necrópoles, um a dois monumentos de maiores dimensões ocupam o topo da linha de cumeeada, podendo indiciar alguma hierarquia entre os tumulados, ou algum afastamento cronológico entre a construção dos sepulcros. Embora o espólio recolhido nos monumentos por nós escavados seja reduzido constatámos que os materiais identificados concentravam-se, essencialmente, no interior das câmaras. O escasso espólio que nos corredores se recolheu terá sido para aí arrastado em épocas posteriores. Apenas o grande monumento da Charca Grande de la Regañada, em Cedillo, monumento único, quer pela sua volumetria, quer pelos depósitos votivos, apresentava maior número de artefactos no corredor e especialmente no átrio do monumento. Na Anta da Fonte da Pipa, no nível mais profundo, à entrada



da câmara, sobre o solão de argila, em terras que, pela sua consistência e coloração, pareciam não ter sofrido grandes revolvimentos, identificámos um ídolo-placa de arenito, fraturada no local que, pelo seu posicionamento em relação à estrutura tumular, parecia ocupar um espaço privilegiado. Restos de pintura a ocre eram visíveis na placa e nas suas imediações. Vários calhaus rolados de dimensões variadas, alguns também ligeiramente polvilhados de vermelho, pareciam pavimentar o local onde a placa havia sido depositada. A sua localização à entrada da câmara, colocada sobre blocos rolados de quartzito decorados com ocre, parece obedecer a alguma encenação ritual cujo significado por agora nos escapa. Outro fragmento de placa de arenito também com vestígios de ocre, foi recolhido neste monumento por entre as raízes da oliveira que cresce no interior da câmara. Tal como se verifica nos monumentos da zona dos granitos, também as mamoadas das pequenas antas das margens sul do Rio Tejo parecem não ter servido unicamente para consolidação da câmara funerária. A presença de espólios, ainda que em número reduzido na área das mamoadas, e não todos provenientes, aparentemente, dos níveis de base, poderá estar relacionada com oferendas fúnebres ocorridas em movimentos de revisitação ou aí depositados ainda durante a época de utilização do monumento. Embora se desconheça a época destes depósitos, do que parece não haver dúvidas é que a presença de artefactos intencionalmente fraturados deverá estar carregada de grande significado simbólico.

Monumentos de granito

Quer pelo estado de conservação e dimensões dos monumentos, quer pela quantidade de espólio recolhido, possuímos mais informações sobre aspetos do ritual ou rituais funerários nos monumentos de granito do que sobre os da zona dos xistos. Todos os monumentos por nós escavados forneceram maior ou menor quantidade de fragmentos ósseos. Alguns compostos apenas por pequenas esquirolas e em reduzido número, outros em maior número e com fragmentos maiores, possibilitam-nos identificar diferentes formas de tumulação nas antas da área granítica de influência directa da Serra de S. Mamede. Vejamos alguns casos:



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

Anta da Bola da Cera (Marvão)

O monumento da Bola da Cera foi um dos que maior número de informações forneceu. Sob um fragmento do esteio de cabeceira depositado praticamente no centro da câmara e aí intencionalmente colocado na Idade do Bronze, identificámos dois esqueletos que, pelas condições particulares em que se encontravam, possibilitaram, através de uma meticulosa escavação, recuperar o posicionamento relativo de todos os ossos. Embora esmagados pelo grande peso da pedra que os cobria foi possível, quer através do seu levantamento gráfico e fotográfico, quer através da observação dos fragmentos recolhidos, chegar a algumas e interessantes conclusões. Dois indivíduos, com idades entre os trinta e os quarenta anos, aos quais não foi possível reconhecer o sexo e com alturas que rondavam os cento e cinquenta centímetros, foram depositados em decúbito lateral, afrontado e em posição fetal. Os crânios encontravam-se orientados a nascente, praticamente no centro do monumento e quase que se tocando. A posição dos esqueletos pós-cranianos era simétrica em relação um ao outro, embora o indivíduo inumado mais a norte apresentasse a mão e o antebraço sob a cabeça. Envolveria os dois esqueletos uma camada de terra compacta, muito negra, algo pegajosa com sinais nítidos de ter suportado altas temperaturas. Os ossos ílacos, parte das costelas e esterno e a quase totalidade das vértebras tinham desaparecido, coincidindo a maior concentração de vestígios de fogo com o tórax e abdómen. Parecia nítido que estes enterramentos foram acompanhados de uma cremação parcial na zona visceral, já no interior do monumento. A ausência de carvões e a presença de uma terra viscosa indica que a cremação foi efetuada com a utilização de um qualquer tipo de gordura ou resina. Sob o esqueleto depositado mais a norte identificou-se uma placa de xisto, de contorno antropomórfico, quarenta e três contos de colar discóides em xisto e oito pontas de seta de base convexa, talhadas em sílex, todas com vestígios de negro de fumo. Sob o outro esqueleto, para além de uma lâmina de sílex não retocada e muito calcinada recolheram-se duas taças semi-esféricas fragmentadas. Toda a área envolvente da mancha de maior concentração de negro de fumo apresentava-se polvilhada de ocre. Num fragmento do úmero esquerdo deste esqueleto foram detetados dois cortes contemporâneos do processo de fossilização dos mesmos. Estes rasgos, pouco profundos, parecem ter sido abertos por uma lâmina bastante cortante. Não apresentam vestígios de calcificação. Este depósito funerário localizava-se a cerca de vinte centímetros do solão de base. Sob ele e na área envolvente outros restos ósseos de dimensões mais pequenas, mas também apresentando vestígios de fogo foram



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

registados. Contudo, o aspeto viscoso que caracterizava as terras envolventes dos esqueletos anteriormente descritos já não se detetou. Manchas de terra mais escura, autênticas bolsas, com algumas esquírolas de ossos queimados aos quais se associavam fragmentos de cerâmica, pontas de seta e fragmentos de placas de contorno antropomórfico, foram identificadas junto aos esteios da câmara. No mesmo espaço dois rituais funerários conviviam. Junto ao solão de base e em torno dos dois esqueletos, entre seis e oito bolsas funerárias de pequenas dimensões foram registadas. Nalgumas destas bolsas apenas esquírolas ósseas estavam presentes. O espólio que continham apresentava-se muito fragmentado. Os três ídolos-placa recolhidos na área da câmara, dois obtidos em micaxisto e outro de xisto claro, todos de contorno e decoração antropomórficos, contrastavam com os recolhidos no corredor. Estes, de xisto ardosiano e contorno retangular, apresentam exclusivamente decorações geométricas. À entrada da câmara e a meia distância entre os dois primeiros esteios, junto ao solão de base, recolheu-se um grande ídolo-placa, talhado em micaxisto. De contorno geométrico, possui uma decoração antropomórfica numa das faces e ziguezagues na outra. A face com decoração antropomórfica, para além de bem evidenciar as sobranceiras, o nariz, os olhos e quatro riscos sob eles, mostra dois longos braços na extremidade dos quais se destacam as mãos com quatro dedos. Esta placa encontrava-se depositada com a face antropomórfica virada para cima e polvilhada de ocre. As suas dimensões, realismo da decoração, qualidade de acabamento e posição no interior do espaço funerário parecem conferir-lhe uma maior importância relativamente às outras recolhidas neste monumento. No interior da anta, quatro pequenas lajes de granito formam, conjuntamente com o primeiro esteio do lado esquerdo, uma estrutura retangular semelhante a uma pequena sepultura individual. No seu interior recolheram-se dois fragmentos de taças esféricas e uma lâmina de sílex. Embora toda a terra tenha sido crivada não se detetou qualquer fragmento ósseo neste espaço. No lado oposto, à direita de quem entra na câmara, um monólito de granito estrangulava parcialmente o acesso ao seu interior. Com uma forma próxima do cilindro, esboçando um pequeno menir, apresentava uma altura acima do solo de quarenta e cinco centímetros por um diâmetro máximo de vinte e cinco centímetros. Este monólito que parece não ter tido qualquer função arquitetónica poderá estar relacionado com a estrutura retangular atrás descrita. Tanto esta como o monólito foram implantados no solão de base e calçados com pequenas pedras. Recorde-se que a placa de maiores dimensões e gravação antropomórfica foi recolhida no mesmo nível entre estas duas estruturas. Os depósitos funerários da câmara encontravam-se



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

cobertos, quer pelo fragmento do esteio de cabeceira que selava os dois esqueletos, quer por um empedrado irregular formado por grandes blocos de granito. Entre este nível e o chapéu, identificou-se um outro depósito funerário com presença de pequenos fragmentos de ossos, cerâmicas atribuíveis ao Bronze Pleno e alguns fragmentos de taças e esféricos que deram colagem com outros fragmentos recolhidos sob o nível de calçada. Neste depósito não se detetou qualquer vestígio de fogo. Na área do corredor não foi possível identificar qualquer resto ósseo nos níveis inferiores e a terra que continha era bastante clara e muito compacta. A Anta da Bola da Cera parece ter sido palco de várias formas de deposição funerária. Numa primeira fase deverá ter servido de ossário, onde bolsas com despojos humanos e oferendas já fraturadas aí foram depositadas. Pouco depois, ou na mesma altura em que servia de ossário, dois corpos foram neste monumento parcialmente cremados e provavelmente alguns membros descarnados, se atendermos aos cortes observados num dos úmeros. Durante o Calcolítico pelo menos a mamoa deverá ter sido alvo de visitação, considerando o fragmento de prato de bordo almendrado registado entre o saibro calcado que ocupava o espaço entre o anel de contrafortagem externa e o *cairn* que diretamente se adossava aos esteios. Na Idade do Bronze volta a servir de recetáculo funerário. Os seus novos utilizadores arrancaram um esteio lateral e partiram o topo do de cabeceira. Sobre este fragmento e debaixo do chapéu depositaram o seu ou os seus mortos acompanhados do mobiliário fúnebre, composto por cerâmicas, um pendente de xisto em forma de crescente e uma conta de colar de pedra verde. Na Anta da Bola da Cera vários elementos de mó, intencionalmente fraturados aproveitados como calços de esteios. Dois dormentes calçavam internamente o monólito de cabeceira e um de maiores dimensões servia de apoio ao esteio do lado esquerdo do corredor. Mais uma vez, e como noutros monumentos veremos, os elementos de mós foram intencionalmente fraturados para deposição no espaço funerário. Atendendo ao local que ocupam, a deposição destes moinhos parece ser sempre contemporânea da construção dos monumentos. A Anta da Bola da Cera foi palco ao longo de vários séculos de uma utilização continuada e de rituais diversificados. Os testemunhos mais antigos de deposição funerária parecem traduzir-se em bolsas de ossos parcialmente queimados, acompanhados de mobiliário votivo muito fraturado. Estas bolsas foram preferencialmente encostadas aos esteios. Em número variado devem ser contemporâneas, quer da colocação da grande placa à entrada da câmara, quer da inumação dos dois indivíduos acima referidos. Se as bolsas funerárias comportavam restos humanos previamente cremados no exterior, os dois



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

insumados foi alvo duma cremação seletiva da zona visceral e provavelmente os ossos longos descarnados no interior do próprio monumento, como atestam os vestígios de fogo e de cortes identificados no úmero de um dos indivíduos. Uma amostra de ossos carbonizados recolhida no esqueleto insumado mais a norte forneceu a data convencional de radiocarbono de 4360 ± 50 BP (ICEN - 66). Ainda que muito fraturados e carbonizados foi possível verificar que os restos ósseos das bolsas funerárias pertenciam a indivíduos de diferentes idades. Ossos de crianças e de indivíduos adultos puderam ser reconhecidos na área do mesmo depósito. Placas de arenito ou xisto claro, de contorno ou decoração antropomórficos, acompanhavam algumas destas inumações. Faziam ainda parte do mobiliário pontas de seta, machados e enxós, lâminas e lamelas de sílex, e abundantes fragmentos de cerâmica para além de elementos de colar (contas e pendentives). Dois pesos de pesca, obtidos sobre calhaus rolados de quartzito, recolheram-se no nível inferior do monumento. Provavelmente as bolsas funerárias identificadas tanto na Bola da Cera como em tantos outros monumentos poderão ter sido preparadas em crematórios externos ao sepulcro. Em plena Idade do Bronze o monumento volta a ser alvo de tumulação ou tumulações sem vestígios de qualquer cremação. Encontramos, portanto, o mesmo monumento, e unicamente a câmara, a servir de ossário, espaço de preparação de cadáveres e local de inumação. No corredor onde apenas um fragmento de osso foi identificado à superfície, entre terras muito húmidas, e portanto sem significado, identificaram-se, no nível inferior, fragmentos de taças e placas de xisto de contorno e decoração geométricos. Estas placas, completamente distintas das recolhidas no interior da câmara parecem comportar um significado diferente, tanto pela forma e decoração, como pela posição que ocupavam. Ao contrário da maior parte dos monumentos, quer da zona dos xistos, quer da dos granitos, que foram implantados em locais altos ou de grande visibilidade, a Anta da Bola da Cera foi construída numa suave encosta entre afloramentos graníticos que totalmente a envolvem. Quando completo e envolto pela mamoa este monumento dificilmente se destacaria na paisagem. Parece, portanto, que os seus construtores e ou utilizadores ao elegerem este espaço para a montagem do monumento não procuraram evidenciá-lo na paisagem, mas obedeceram a outras regras que por agora desconhecemos, mas que, de alguma forma, poderão estar ligadas à proximidade de um pequeno abrigo sobre rocha que se situa a menos de cinquenta metros da anta ou à proximidade dos povoados de Vidais e dos Pombais onde foi talhado o menir do mesmo nome.



Anta da Figueira Branca (Marvão)

A anta da Figueira Branca, também de corredor curto, situado na área do concelho de Marvão, forneceu dados interessantes no que respeita a rituais de enterramento. Este monumento parece ter sofrido os efeitos de um violento terramoto logo após a sua construção e antes de receber qualquer depósito funerário. Na câmara, sobre o solão granítico e sem qualquer camada de terra a separá-los, depositavam-se os esteios fragmentados. Entre o chapéu e o amontoado de grandes blocos graníticos, num pequeno recanto, identificámos um depósito funerário. Este depósito, que ocorreu após a derrocada do monumento, continha uma placa de xisto de contorno trapezoidal e decoração geométrica, uma conta de colar de rocha verde, uma lâmina de sílex retocada, um machado de pedra polida e vários fragmentos de taças semi-esféricas. Reduzidas esquirolas de ossos indicavam a existência de, pelo menos, um enterramento. Não se detetou qualquer indício de fogo, quer nos poucos e reduzidos fragmentos ósseos, quer nos materiais que aí se depositavam. Neste pequeno espaço funerário dificilmente caberia mais do que uma inumação de cadáver não preparado. A ausência de sinais de fogo, o estado e número do mobiliário votivo fazem-nos supor que na anta da Figueira Branca apenas foi depositado um corpo e forçosamente com os membros fletidos. Pequenas concentrações de ocre foram identificadas por entre a terra que envolvia este espaço funerário. Por forma a melhor isolar este improvisado espaço tumular, foi anexada ao fraturado esteio de cabeceira uma longa mas estreita laje de xisto que vedou a abertura que se abria para noroeste. Unicamente pela leitura de superfície, parece desenhar-se, a poente da câmara dolménica, uma estrutura circular composta por grandes e informes blocos de granito, com um diâmetro interno de cerca de dois metros e meio. Esta estrutura adossa-se diretamente ao esteio de cabeceira e parece ter alguma ligação com a laje de xisto anteriormente descrita. Sem dados concretos para o podermos afirmar seguramente, a estrutura circular detetada no topo da mamoa poderá ter sido construída após o desmoronamento da câmara e destinada a receber também tumulações, embora não nos pareça que possa tratar-se de uma sepultura de falsa cúpula, como as identificadas no concelho de Reguengos de Monsaraz. A sondagem na mamoa, possibilitou-nos identificar mais de uma dezena de fragmentos de mó numa área de 4X2 metros. Estes fragmentos tanto dormentes como moventes incluíam-se na estrutura lítica da mamoa. Sob a forte couraça de pedras que envolviam o monumento identificou-se uma camada de terra clara e compacta com uma espessura



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

máxima de vinte centímetros que assentava no solão granítico. Nesta camada, para além de se recolherem diversos fragmentos de cerâmica de recipientes de forma maioritariamente esférica e de capacidade volumétrica superior às normalmente identificadas no interior dos espaços funerários, localizou-se um conjunto de carvões e cinzas. Uma amostra destes carvões forneceu-nos a data convencional de 6210 ± 50 BP (ICEN - 823). Atendendo à data dos carvões, capacidade volumétrica e tratamento das superfícies das cerâmicas, quantidade de elementos de moinho e localização sob a estrutura lítica da mamoa, tudo parece indicar que a Anta da Figueira Branca foi levantada sobre um *habitat* mais antigo. Ainda que necessitando do alargamento da área sondada, esta anta forneceu dados, embora inconclusivos, extremamente importantes para uma melhor compreensão dos rituais funerários. Provavelmente sobre um *habitat* atribuível ao Neolítico antigo construíram uma sepultura megalítica que antes de receber qualquer depósito funerário sofre a ação de um terramoto que lhe provoca o desmoronamento. Num pequeno espaço, entre o chapéu e os escombros é inumado um ou vários indivíduos. Posteriormente, na mamoa uma outra provável câmara funerária parece ter sido construída. A anta da Figueira Branca, embora localizada numa suave encosta rodeada a poente por afloramentos graníticos, domina visualmente o vale do Sever.

Anta da Cabeçuda (Marvão)

A cerca de duas centenas de metros para Nascente do monumento da Figueira Branca, a Anta das Cabeçuda implanta-se numa linha de festo em local bem visível. Afetada tal como a anterior por um violento terramoto, viu os seus esteios quebrarem-se junto ao solo e tombarem sobre os depósitos funerários já aí existentes. A pouca potência de terra que no interior do monumento se detetou encontrava-se muito solta, praticamente até ao solão de base. As silvas que envolviam a anta contribuíram para que se transformasse num grande habitat de coelhos e cobras que revolveram praticamente todo o espaço interno. A esta terra clara e solta seguiu-se um nível de terra também clara mas mais compacta onde foi possível recolher na câmara um fragmento de mandíbula de adulto no qual ainda se implantava o primeiro e o segundo molares, ambos muito cariados. Este fragmento não apresentava sinais de fogo tal como os restantes ossos, muitíssimo fragmentados, que esporadicamente tinham ocorrido no nível de terra mais solta. O grau de fratura e ausência de grande número de fragmentos do espólio recolhido, tal como ocorreu em praticamente todos os monumentos estudados, leva-nos a supor que também esta anta recebeu depósitos funerários



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

preparados no exterior. O revolvimento provocado pelos animais que aqui se abrigavam impossibilita hoje de confirmarmos se nesta anta ocorreram também enterramentos primários. Neste ambiente de revolvimento recolheram-se várias landes carbonizadas associadas ao restante espólio. O especto regular da carbonização e o seu grau de fossilização fez-nos duvidar de que se tratasse de landes atuais afetadas por algum incêndio e posteriormente transportadas para o interior do monumento pela colónia de coelhos que nela habitava. Extraída uma amostra e submetida a datação por radiocarbono forneceu-nos a data convencional (BP) de 3720 ± 45 (ICEN - 979). Trata-se, portanto, de landes de sobreira, provavelmente torradas intencionalmente e destinadas ao consumo humano e depostas no espaço funerário possivelmente como oferendas fúnebres. A torrefação de landes e bolotas no Calcolítico está também documentada noutros sítios arqueológicos pré-históricos como é o caso da cabana I do Habitat IV do Ameal situado no concelho de Carregal do Sal. Tal como já havíamos detetado noutros monumentos desta região, também a Anta da Cabeçuda parece ter sido construída sobre um solo de ocupação anterior. Carvões recolhidos sob uma camada de saibro calcado destinado, aparentemente, a nivelar o granito de base forneceram a data convencional (BP) de 7660 ± 60 (ICEN - 978). Neste nível recolheram-se três fragmentos de cerâmica muito rolados, fabricados com uma pasta muito grosseira e aparentemente atribuível ao Neolítico antigo. Na mamoa, na face interna do duplo anel de contrafortagem externa, num pequeno espaço entre os blocos da couraça lítica, identificaram-se três machados de pedra polida. Ao contrário do que por vezes se verifica, estes machados não parecem ter sido abandonados mas intencionalmente depostos na mamoa. Algumas cerâmicas, muito fraturadas e inseríveis em níveis do calcolítico, foram recolhidas nas imediações da mamoa. Um fragmento de prato de bordo espessado encontrado no exterior do corredor é uma das cerâmicas claramente reveladora da presença calcolítica na mamoa deste monumento. Durante a desmontagem do muro de divisão de propriedade que sobre o monumento se encontrava, recolheram-se diversos fragmentos de mó incorporados nesta estrutura de pedra seca. No interior do corredor, por entre a terra solta, mais dois dormentes fraturados foram identificados. Entre os calços internos dos esteios da câmara e num do corredor outros elementos de mó foram registados. Apenas na mamoa, e já em contacto com o solão de base, é que se detetaram moinhos não fraturados. Constata-se, assim, que 93 % dos elementos de mó recolhidos na Anta da Cabeçuda estão fraturados e que dos restantes 7 %, apenas um é dormente. Mais uma vez nos apercebemos que houve da parte dos construtores e ou



utilizadores destes espaços funerários a nítida intenção de inutilizarem estes instrumentos transformadores.

Anta da Horta (Alter do Chão)

A anta da Horta situada a escassas dezenas de metros de um *habitat* e de um santuário com presença de materiais atribuíveis ao Neolítico antigo dificilmente a poderemos desligar desse ambiente. Erguida durante o Neolítico, esta anta, de dimensões médias e provavelmente de corredor curto, acolheu no interior da sua câmara funerária diversos enterramentos dos quais chegaram até nós testemunhos de, pelo menos, três deposições em conexão anatómica. Estamos seguros de que estas tumulações não correspondem à primeira fase de utilização do monumento. O piso de lajes de xisto que teria revestido, originalmente, toda a câmara funerária encontrava-se destruído sob estes enterramentos denunciando que estas tumulações terão destruído deposições anteriores. Os materiais que acompanhavam estes enterramentos inscrevem-se, claramente, numa fase atribuível ao neolítico pleno, onde ocorrem cerâmicas lisas e placas de xisto decoradas. Um fragmento de mandíbula de um destes enterramentos foi submetido a datação por radiocarbono fornecendo a data de 3350 a 3020 Cal BC (dois sigmas) (Beta - 194313), o que se inscreve, plenamente, nos contextos do neolítico final desta zona do Alentejo. A zona média do corredor, porque muito destruída, não nos possibilita qualquer tipo de compreensão. Contudo, num momento dos inícios do Calcolítico, se atendermos à presença de taças carenadas, ao fragmento de uma cabeça de alfinete em osso, canelada, e à presença de ídolos-placa em arenito, com decoração em relevo, o monumento volta a ser visitado e objeto de deposição e oferendas. Provavelmente, nesse momento é removido um crânio e um calcâneo do interior do monumento em torno do qual são colocadas as oferendas atrás referidas. Do calcâneo submetido a datação obteve-se a data de 2800 a 2760 Cal BC (dois sigmas) (Beta - 194312), o que nos parece ser uma data demasiado recuada relativamente aos materiais que se lhe encontravam associados. Levantamos, portanto, a hipótese de nos inícios do Calcolítico, durante algum ritual de culto aos antepassados, um crânio e um calcâneo para o sustentar terão sido removidos, provavelmente do interior da câmara, e ao seu redor foram depositadas diversas oferendas.

À semelhança do que ocorreu noutros monumentos, durante o domínio romano ou em fase imediatamente posterior, também este dólmen deverá ter servido de abrigo. Justificam esta



afirmação a presença de fragmentos de cerâmica romana de construção identificados em terras de revolvimento no interior da câmara. Durante a Idade Moderna e até ao século XX a anta da Horta continua a ser revisitada. Num destes momentos terão sido arrancados os esteios do corredor e escavada grande parte do interior da câmara o que provocou o abatimento interno dos esteios. Num destes momentos de reutilização da anta alguns esteios e o chapéu terão sido partidos para qualquer construção. Testemunham esta afirmação as diversas marcas de cunhas para corte de pedra evidentes em dois fragmentos de esteios da câmara. A face poente da mamoa sofreu profunda destruição durante a preparação dos solos envolventes para práticas hortícolas. A última fase de utilização da anta da Horta terá sido para abrigo de um canídeo. Fragmentos de uma corrente de ferro ainda atada ao tronco da oliveira que aí se erguia e um pequeno alguidar esmaltado e a parte inferior de uma panela de cerâmica indiciam esta última utilização da anta da Horta.

Resumindo

Ao longo da nossa investigação, apercebemo-nos como os materiais exumados nas pequenas sepulturas de xisto são notoriamente pobres quando comparados com os recolhidos em monumentos de maiores dimensões localizados na zona dos granitos. A pobreza do espólio refletiu-se também na volumetria do sepulcro que, na maior parte dos casos, só não passaria despercebido na paisagem se não ocupasse as linhas de cumeada e não comportasse elementos líticos notáveis. Parece, assim, e na ausência de um número significativo de datações absolutas, que as pequenas sepulturas da zona dos xistos poderão ter sido levantadas por comunidades detentoras de menores recursos do que aqueles que possibilitaram a construção de monumentos como as que se conhecem no concelho do Crato, Nisa, Avis, Marvão ou Elvas. A pequena dimensão destes sepulcros contrasta com a sua densidade por necrópole. Por vezes mais de uma dezena destes sepulcros ocupa uma linha de cumeada dum pequeno festo. Geralmente visíveis umas das outras, estas construções chegam a coroar todos os cerros da bacia hidrográfica dum pequeno regato. Dominando solos de fraca aptidão agrícola, alguns hoje completamente esqueléticos, e onde a presença humana é na atualidade quase nula, o grande número destes monumentos poderá indicar uma profunda alteração nos solos da zona norte da área em estudo ou uma economia pouco dependente da agricultura. O discurso arquitetónico presente nas duas zonas em análise obedece a padrões semelhantes, o equipamento funerário, ainda que notoriamente mais pobre nos xistos, mantém a



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

mesma mensagem, o seu estado de conservação iguala-se ao dos depósitos secundários identificado na zona dos granitos. Parece, portanto, em termos genéricos e perante a deficiente informação que possuímos, que o ambiente ritual detetado em toda a região do Norte-Alentejano obedece aos mesmos padrões, embora cada região o expresse de forma própria. Se constatamos diversidade na forma de abordar a morte entre as comunidades dos xistos em relação às dos granitos, diferentes rituais puderam ser igualmente isolados dentro das antas dos granitos. Independentemente da arquitetura dos monumentos ou do seu posicionamento espacial, diferentes formas de tumulação foram identificadas. Antas com depósitos primários junto ao solo, sobre os quais bolsas com restos humanos preparados no exterior foram depositadas, antas que desde sempre parece terem servido unicamente como ossários, antas que para além de servirem de ossários abrigaram a preparação de cadáveres no seu interior, antas que em épocas já bastante tardias continuaram a receber tumulações, de todos estes tipos encontramos testemunhos na zona dos granitos. A disposição dos depósitos funerários tanto primários como secundários no interior do espaço funerário parece ter obedecido a normas pré-determinadas. A colocação de pelo menos uma placa de micaxisto ou arenito, de contorno ou decoração antropomórficos, que pelo seu acabamento final se destaca das restantes, em posição de privilegiada, geralmente à entrada da câmara, ocorreu demasiadas vezes para se compreender como accidental. Esta colocação, tanto se verificou nos monumentos de granitos, como nas antas dos Pombais e Fonte da Pipa situadas nos xistos. Nos raros casos onde foi possível compreender a relação anatómica dos elementos ósseos das tumulações primárias, verificámos que os ossos longos encontravam-se maioritariamente junto aos esteios do que os ossos do crânio. Esta constatação poderá não ser só explicável pela deposição dos cadáveres em posição fetal e decúbito lateral como ocorreu na anta da Bola da Cera, mas também pela queda de corpos inicialmente encostados aos esteios. Assim se explicaria, em parte, a posição em que se encontram a maior parte dos ídolos-placas, com a face principal virada para o solo. A diversidade de situações poderá ser explicada pelas constantes visitas de que estes monumentos eram alvo e que nem sempre são detectáveis pela consistência ou coloração das terras. Estas revisitações estão especialmente bem documentadas na Anta da Horta, em Alter do Chão. Neste monumento um crânio, sem mandíbula, e um calcâneo foram retirados de um depósito funerário primário da câmara e trasladados para um átrio situado em frente ao corredor. Aí o crânio apoiado no calcâneo foi rodeado de um aparatoso depósito de oferendas constituído por recipientes de cerâmica, machados



de pedra polida pontas de seta e lâminas em sílex, mas sobretudo por vários ídolos-placa, maioritariamente de arenito com e sem decoração. Esta encenação terá ocorrido durante o Calcolítico atendendo à presença de um fragmento de cabeça de alfinete em osso, característica dos horizontes calcolíticos da Estremadura e Alentejo. Claramente esta revisitação ocorre em momento bastante posterior à construção do dólmen e parece revelar um ato de culto a um antepassado que decorre não no interior do dólmen mas num átrio que se abria em frente ao corredor. As placas de xisto ardosiano, de micaxisto, ou arenito, quando inteiras ou levemente fraturadas, encontram-se sempre na base dos sepulcros, ou como no caso da Anta da Horta num átrio. Se o espaço funerário se projeta muito além da época em que foi construído e inicialmente utilizado, ele parece implantar-se, preferencialmente, em locais já humanizados. Tudo parece indicar que, pelo menos, algumas sepulturas megalíticas foram construídas sobre *habitats* mais antigos, ou nas suas imediações. Esta continuidade de ocupação do mesmo espaço, primeiramente pelos vivos e posteriormente pelos mortos, ocorre demasiadas vezes para ser compreendida como ocasional. Os dólmenes, construídos, na sua maioria, pela força de muitos, albergaram apenas uma parte da sociedade que os produziu.



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA



DÓLMEN DA MELRIÇA - CASTELO DE VIDE



DÓLMEN DOS QUATRO LINDONES - CEDILLO



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA



VARIEDADE DE OFERENDAS FÚNEBRES MEGALÍTICAS



ELEMENTOS DE ADORNO



PLACA DE XISTO ANTROPOMÓRFICA